

## O PACIENTE FAZ O ANALISTA\*\*[1]

Neville Symington

---

Nota do editor: Neville Symington é psicanalista formado pela Sociedade Britânica de Psicanálise e atual presidente da Sociedade Australiana de Psicanálise. Realizou seminário clínico e conferência na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro no último dia 10. Trata-se de psicanalista com refinamento clínico, pensamento independente e original, apesar das influências de Winnicott e Bion.

---

Eu havia terminado minha análise. Meus dois casos de supervisão (training cases) tinham satisfeito tanto meus supervisores quanto a Comissão de Ensino da Sociedade Psicanalítica Britânica. Eu era, portanto, um analista credenciado. Eu havia mudado muito em minha própria análise, logo sabia, por experiência própria, que a psicanálise é capaz de causar mudanças profundas na personalidade. Esse julgamento foi logrado a partir da perspectiva de minha vida emocional na época. Confrontei-me então com alguém com quem minha análise não me havia provido os meios necessários para tanto. Essa pessoa foi uma paciente que tentarei descrever.

Ela procurou-me no auge de uma alucinação na qual, enquanto fundida com sua mãe, estava estrangulando seu namorado. Havia sido recusada por dois prestigiosos psicanalistas clínicos antes de ser-me encaminhada. Naquela época, estava trabalhando em um centro psicoterápico pouco conhecido. Ela estava zangada por não ter sido aceita por nenhuma daquelas clínicas e entendia que eu era o seu último recurso. Se ela me rejeitasse\*\*[2], sabia que não haveria nenhum outro tratamento disponível para ela. Era extremamente pobre, e um tratamento particular estava fora de cogitação. Portanto, lá estava ela atada a mim - a quem achava frio e severo, mas que opções tinha ela a não ser aceitar o que se lhe fora oferecido? *Oliver Twist*\*\*[3] não se deu tão bem quando pediu um segundo prato de sopa. Ela começou o tratamento no início de Janeiro, logo após o Ano Novo e, durante três meses, até a Páscoa, uma singela harmonia dominou o tratamento, sentindo-se o jovem analista muito satisfeito consigo mesmo. Imaginei que as coisas continuariam neste tom até que o tratamento se completasse com sucesso, mas, após o feriado da Páscoa, um choque me aguardava.

Penso que naqueles três meses ela estava testando-me para ver se ousava arriscar-se a confiar-me o seu self demente. Aprendi que alguns pacientes, na fase inicial do tratamento, realmente fazem este escrutínio do seu analista. Isso também dá ao analista uma oportunidade para avaliar se está preparado para uma busca mais desafiadora.

Por que fui aprovado nesse teste, não sou capaz de dizer, excluído como estava de tal demência. Em retrospecto penso que ela intuía um potencial que não tinha sido posto em prática.

Após aquele primeiro intervalo fui lançado em um mundo clínico novo e assustador. Minha análise e supervisão não me tinham preparado para tal susto. Tentarei contar-lhes a experiência com a qual então me defrontei. Ela entrou e após um longo silêncio disse:

-Gnomo

Houve então um silêncio de dez minutos. Olhou para um ponto no chão e disse,

- Brinquedo

Eu estava atônito com esta súbita mudança de direção. Não tinha experiência suficiente para tanto. Não haveria por acaso alguém que pudesse atender essa paciente? Mas quem, eu me perguntava? Essa era uma pergunta que ela certamente se tinha feito. Eu poderia recorrer a um supervisor, mas algo dentro de mim se manifestou e me disse para encarar o desafio. Na época, estava freqüentando um seminário clínico de pós-graduação de quinze dias com Herbert Rosenfeld. Então, ali era certamente o lugar para apresentar essa paciente e, no entanto, quando chegou minha vez, escolhi apresentar o caso de uma mulher cujas psicose era camuflada por obsessões. Tive também o pressentimento que deveria seguir minha intuição e me sentia, na época, inseguro demais para não me deixar desviar do curso por uma renomada autoridade. Como foi possível então, que mais tarde ousasse apresentar o caso a Bion? Penso que fui capaz de diferenciar conhecimento de sabedoria. Tomei então uma resolução: atenderei essa paciente para o que der e vier. Disse a mim mesmo:

O que quer que ela diga ou faça, devo continuar em comunicação com ela. Portanto, tendo dito Gnome e depois Brinquedo eu incertamente esmiuicei minha mente e disse:

“Você se sente como uma criança pequena e quer ir para o chão brincar com seus brinquedos e quer que eu brinque com você.”

Não tive nenhuma confirmação ou negação. Sessão após sessão ela se comunicou desta maneira. Eu não tinha nada em que me apoiar a não ser na minha própria imaginação e nela depus toda a minha confiança. Fiquei muito contente ao descobrir, anos depois, que Kant dissera que na imaginação reside o cerne do entendimento. Aprendi por experiência própria que a imaginação é a ferramenta do engenho analítico. Através da imaginação, uni o que vim a chamar de unidades telegráficas (telegraphic bits). Quando olho para trás, para a maneira como os uni, fico envergonhado de minha ingenuidade. Estou certo que setenta e cinco por cento do que eu disse a ela estava errado, mas continuei a tecer um modelo ou uma fábula narrativa (narrative tale) do material que ela me fornecia. Penso que ela sabia que eu era um neófito que não poderia fazer melhor do que estava fazendo. Entretanto, ela estava determinada que eu deveria fazer melhor e acreditava que eu poderia fazê-lo. Esse seu julgamento estava correto. Ela deleitava-se com este período em que eu tecia modelos em forma narrativa. Eu sabia disso porque algumas vezes havia uma insinuação de sorriso em seu rosto.

Vocês estão provavelmente frustrados por não haver transcrições dessas sessões iniciais. Elas eram tão bizarras e desconexas que eram impossíveis de serem registradas. Eram todas dessa natureza de unidades telegráficas. Ela costumava olhar fixamente para um ponto na sala e dizer: “Círculo azul” e então dez minutos depois, olhar fixamente para outro ponto e dizer “Girafa” e assim por diante. Este processo perturbador prosseguiu durante aproximadamente um mês, quando depreendi, pela intensa maneira pela qual ela olhava em direção a diferentes pontos da sala, que as unidades telegráficas eram objetos que ela “via” em meu consultório. Percebi então que ela estava alucinando. Estranho o quão confortadora foi para mim tal compreensão. Por quê? Penso que deve ser análogo ao que Bion disse, citando Milton:

The rising world of waters dark and deep  
Won from the void and formless infinite\*\*[4]

- quando algo é conquistado da informidade para a forma, é de grande conforto aos seres humanos à busca de um lar. Similarmente foi confortante para mim quando, mais tarde em sua análise, pouco a pouco des-velava-se em mim (dawned on me) a compreensão de que eu estava sob o guante de uma transferência psicótica.

Muitos de seus objetos alucinatórios no meu consultório eram animais, sugerindo ela a um colega, que minha sala havia se transformado no domicílio da Arca de Noé. Também observei que ela nunca olhava para mim. Começou a ver um demônio acima da minha escrivaninha. Compreendi, intelectualmente, que isso era um deslocamento do que ela não ousava ver diretamente em mim. Quando, mais tarde, o demônio saltou para dentro de mim, um tempo muito duro me aguardava.

Experimentei que aquilo que é descrito na entrevista inicial, a respeito das crises na vida amorosa de uma pessoa, é re-vivido (re-enacted) na transferência. Havia experienciado isso antes, mas não esperava que isso fosse também verdadeiro para a experiência alucinatória, que ela teve de estrangular seu namorado enquanto em uníssono com sua mãe.

Eu olhava para ela um dia quando fui subitamente tomado por um medo muito estranho. Havia, uma ou duas vezes, pensado que ela se parecia um pouco com uma namorada que eu tivera. Naquela sessão eu repentinamente pensei que ela (a namorada) era a paciente. Tentei dizer a mim mesmo para não ser tolo, mas o delírio (delusion) persistiu:

A é ela .”

Estava eu certo ou estava eu louco? Minha cabeça girava em embriagante estupor. Na sessão seguinte, o horror possuiu-me uma vez mais. Durante esta parte inicial da análise, ela estava ainda amalgamada a seu namorado David (a quem alucinatoriamente estrangulava), mas somente mais tarde, é que ela me contou que naqueles meses iniciais do tratamento havia acreditado que eu era David. Além disso, ela tinha uma vívida lembrança do momento em que tinha abandonado essa convicção, daí deduzi que fora na mesma semana em que eu acreditara que ela era essa minha namorada do passado. Foi uma experiência muito desalentadora (unnerving). Confortante foi também ser capaz de rotular essa experiência como uma contra-transferência psicótica. Devido ao fato de ter sido uma vivência tão assustadora, experimentei na pele o porquê todos nós evitamos assumir pacientes psicóticos e comecei a ponderar que talvez os dois clínicos que a tinham passado adiante foram mais sábios do que eu. Também compreendi melhor, que no início, ela esteve me testando, para ver se eu seria capaz de suportar a violência de suas psicóticas projeções. O dardejar dessas unidades telegráficas continuou por aproximadamente três meses. Por exemplo, em uma outra ocasião ela entrou, olhou intensamente para a parede, e após um silêncio de dez minutos disse:

“O gato de Cheshire\*\*[5] B o sorriso dele.”

Eu disse:

“O corpo, a cara do gato e a última sessão, tudo passou... Somente um traço permanece: algo que lhe deu prazer.”

Eu não tinha idéia se tal interpretação estava correta. A única coisa que eu sabia era que surgiu de dentro de mim B de minha própria loucura. Voltei-me para Alice no País das Maravilhas para guiar-me na direção certa B era a minha única enciclopédia. Uma vez pensei: se colegas estivessem observando esse estranho encontro através de uma tela unilateral, tanto eu como ela,

seríamos despachados para o hospício mais próximo. Uma coisa eu realmente aprendi sobre a psicose com a experiência desses estranhos acontecimentos: somente aquelas comunicações que são genuínas do analista, de suas profundezas infinitas, surtem algum efeito. O próprio momento em que o paciente precisa mais desesperadamente de uma comunicação que parta do coração do analista, é, paradoxalmente, o exato momento em que o analista mais propício está em imaginar o que diria seu supervisor. Tudo bem que se recorra a um supervisor, desde que o analista seja capaz respeitar, agarrar-se a suas próprias intuições e esteja preparado para dizer a si mesmo: “Apesar do nome desse supervisor ser Rosenfeld, penso que ele está errado.” Naquele tempo não era o suficientemente flexível para ser capaz de dizê-lo a mim mesmo. Somente anos que por-vieram vim a compreender ser o paciente psicótico torturado pelos ditames de uma voz que ordena:

“Faça isto.”

ou:

“Faça aquilo; Diga isto, Diga aquilo.”

A intuição sensível de um paciente psicótico, tal como a mulher que estou descrevendo, sabe instantaneamente quando digo o que penso e quando digo aquilo que me foi ditado a pensar.

Então, Bion veio a Londres em uma de suas viagens vindo da Califórnia e procurei-o para supervisão. Ele tinha o raro dom de ser capaz de fazer comentários sem interferir com o mim-mesmo (me-ness) das interpretações.

Mal tinha começado a apresentar a paciente quando ele disse:

“E ela pensou que você seria capaz de ajudá-la?”

Murmurei embaraçadamente supor que sim. Disse-me isso sem a menor insinuação de condenação. Penso, realmente, estar ele querendo chamar minha atenção para a fantasia dela de que eu, este irrequieto (exalted) ser, seria capaz de ajudá-la! A fantasia do analista, como um ser divino, está sempre presente, creio eu, na parte psicótica da personalidade. É uma projeção no analista da parte onipotente da personalidade. Quando expliquei a Bion as unidades telegráficas por ela usadas e que não sabia, absolutamente nada, sobre o que se passava em sua vida fora do consultório, ele me disse: “Você precisa dizer a ela: se é para você analisá-la, ela tem que mantê-lo informado.”

Lá estava eu determinado a ser capaz de decodificar essa linguagem criptográfica. Bion fez-me compreender que estava eu de conluio com a sua fantasia ao considerar-me divino. Disse-me outra coisa, fazendo-me respirar aliviado.

Ela vinha se comunicando por unidades telegráficas aproximadamente há quatro ou cinco meses. Estava começando a ficar cheio disso. Tinha lido a respeito em algum lugar, talvez em um tratado filosófico, talvez em um dos textos de Bion, mas em algum lugar de minha mente, reverberava o pensamento de que a consciência é a forma para um conteúdo de distintas e primitivas imagens. Subitamente emergiu o pensamento de que estava gratuitamente preenchendo o papel de consciência para ela, e já estava cansado desse papel para o qual ela me impelira. Isso aconteceu cerca de dois anos antes de ir para aquelas supervisões com Bion, e não tinha outro guia que não meus próprios sentimentos, combinados com o pensamento de que me tornara o agente de sua consciência. Nada pude detectar, no conteúdo de suas comunicações, que sugerisse uma mudança de direção - exceto minha própria

intuição (feeling) somada àquele pensamento. Decidi, para o bem ou para o mal, agir com base nessa intuição (feeling). Então, na sessão seguinte, quando ela começou com sua primeira unidade telegráfica, prendendo a respiração disse a ela:

“Você quer que eu teça isso em uma narrativa significativa para você, porque acredita não ser capaz de fazê-lo por si mesma.”

Foi o fim de nossa lua-de-mel. Sua repugnância e ódio por mim se intensificaram. Aprendi que um paciente nunca se libera do narcisismo e seus componentes psicóticos, sem antes experimentar um longo período, durante o qual, odeia sem cessar seu analista. Isso acontece porque o que é odiado é a realidade do eu, a realidade do outro, a qual agora entrincheira-se em mundo ilusório fechado em si mesmo. Quando expliquei essa interpretação, e, como não tinha evidência alguma para ela - a não ser o meu próprio sentimento de estar farto, e a idéia do que é a consciência - Bion perguntou-me qual tinha sido sua resposta. Retransmiti a ele seu ódio adamantino e sua fúria cristalina; seus olhos de coruja penetraram em mim enquanto ela ponderava, pelo que me pareceu um século. Então, sua voz profunda e estrondosa falou, como que extraído a verdade de sua ancestral (ancient) toca:

“Penso que foi uma correta interpretação.”

O demônio, que até então estivera seguramente alojado na parede acima de minha mesa, havia agora, muito bem e verdadeiramente, sido depositado para dentro de mim. Isso me despedaçou por dentro. Naquela época, eu não tinha os recursos para suportar um ataque de fúria psicótica e recorri à interpretações clichês. Eram, na maior parte, interpretações semelhantes àquelas que meu próprio analista as fizera para mim. Apresentarei o registro de uma sessão que ocorreu logo após aquela crucial intervenção minha:

“A única coisa é: eu a detesto. Você é completamente inumana.”

Seguiu-se um silêncio muito longo e então ela disse,

“Apenas elaborações sobre o mesmo tema. É exatamente como estar com um computador B intelecto mas nenhum sentimento.”

Outro silêncio e então:

“E o robô de uma dona de casa fazendo a limpeza.”

Outro silêncio e então eu disse:

“Você experiencia-me como um computador e isso a faz sentir um robô.”

Outro silêncio:

“Eu não sei quem é um robô.”

Outro silêncio e então ela disse:

“Eu sempre me pergunto como aqueles macacos fazem as coisas tão bem naquelas armações de pano.”

Um longo silêncio e então ela disse:

“E violência e destruição.”

Um silêncio e então ela disse:

“E uma brincadeira na qual carteiras escolares estão sendo despedaçadas.”

Silêncio e então eu disse:

“Seu ódio é devido à frustração de que você não recebe sentimento de mim.”

Ela respondeu:

“Si-sim”, com um leve sorriso pretensioso, seguido por outro silêncio e então disse:

“Nenhuma surpresa que eu divirta a mim mesmo com alucinações.”

E assim terminou a sessão.

Em muitas das sessões subseqüentes ela queixou-se amargamente por ter de ser responsável por minhas reações. Foi somente mais tarde que eu compreendi que ela estava me paralisando e que naquele ponto eu estava somente dando interpretações >espelhadas=, as quais eram deploravelmente inadequadas, se não inúteis. Quando ela disse que era ela a responsável por minha reação, isso foi absolutamente preciso. Eu não estava respondendo a partir de minha própria liberdade, mas a partir de uma temerosa reação a sua fúria emocional. Fazia as interpretações espelhadas que acabei de mencionar por que estava tão amedrontado e assustado internamente para responder com coragem àquilo que ela dizia. Ela estava em calamitosa dificuldade na época e aterrorizada com a violência que nela havia. Temia que pudesse ferir alguém, especialmente seu namorado David. Não me envolvi com nada disso, mas apenas espelhei seus comentários dirigidos a mim, qual coelho assustado. Penso agora que as interpretações de espelho geralmente fluem desta paralisia interna. Tais interpretações nunca fazem uma análise avançar, mas em um paciente que é psicótico tornam as coisas piores porque induzem à culpa. Ela, a paciente psicótica, sabia que estas interpretações espelhadas vinham de um analista que ela tinha desintegrado internamente. O progresso analítico, nessa análise, dependia inteiramente do processo sintético que acontecia dentro de minha própria psique. Ela precisava de algo mais provindo de mim, e, quanto mais ela sentia que estava tendo esse efeito paralisante sobre mim, mais acometida de pânico e mais sádica se tornava. Assim, quando relatei tudo isto a Bion, ele disse com sua perspicacidade característica: “Sadismo só funciona quando a vítima é indefesa.”

O que vim a compreender através do processo dessa análise é: o fundamental (concern) para o paciente psicótico, ou para a parte psicótica de cada paciente, não é o que o analista diz, mas sim sua atitude emocional dentro de seu coração. Que essa paciente estivesse em sintonia com meus estados emocionais interiores, era coisa certa. Passei a compreender (realize) que o lugar onde a psicanálise ocorre é no mundo interno do paciente e no mundo interno do analista, e que a linguagem é apenas o meio de troca entre os dois. Darei um exemplo de uma outra sessão que aconteceu mais tarde, mas enquanto ela estava ainda cheia de ódio em relação a mim. A sessão foi pouco antes do Natal. Comecei lembrando-a que esta era a última sessão antes do feriado. Ela disse:

“O rosto de uma menina de quem eu não gosto; um alarme que fala e um dispositivo que impede as pessoas de roubarem motocicletas.”

Repliquei a isto da seguinte maneira:

-“Que você não gosta de meu rosto desde que eu absorvi você. Sou como um alarme que fala quando digo a você que esta é a última sessão; e você precisa de um dispositivo para me impedir de roubar sessões de você.”

Ela disse:

“Criativo (ingenious).”

Eu respondi:

-“Mas talvez verdadeiro.”

Ela disse:

“Bem, a primeira parte a respeito do rosto da menina é.”

Fiz-lhe uma pergunta:

-“Do que você não gostou nela?”

Ela respondeu:

“Ela foi incorporada (absorbed into) e transformou-se numa menina com o rosto atrás.”

Eu disse:

Que desde que eu a incorporei (I have take you in), como você estava dizendo...”

Ela interrompeu:

“Eu não disse coisa alguma sobre isto.”

Eu disse:

-“Você disse: Se você está se referindo a minha mãe...”

Ela disse:

“Sim, que eu desapareci para dentro de você (disappeared into) há muito tempo atrás.”

Então ela disse:

“Apenas um pegajoso contínuo (sticky continuum).”

Seguiu-se um longo silêncio após o qual eu disse:

-“Implica que eu não posso sair para fora (extricate) sem ser autoritário com você.”

Depois de dizer isso compreendi (realized) que não poderia suportar essa transferência empacada (stuck tranference).

Então ela disse:

“Eu não posso sentir você.”

Eu repliquei:

-“Que existe somente eu, e que não há como escapar para fora.”

Ao que ela imediatamente replicou:

“Eu vi uma imagem de uma cabeça nesse momento.”

Eu repliquei:

-“Do meu eu pegajoso flutuam pensamentos.”

E ela disse interrogativamente:

“Eu?”

Eu respondi:

-“Ou os pegajentos você-e-eu fundidos juntos em flutuantes pensamentos.”

Ela respondeu:

“Sim, é isso.”

Houve uma pausa durante a qual mudei minha posição na cadeira e ela disse:

“Você não precisa ficar tão impaciente. Só tem que suportar isso durante cinqüenta minutos.”

Senti-me imensamente triste e disse:

-“Ao passo que você tem que suporta isso o tempo todo.”

Ela replicou com amargura:

“E não porque o queira profissionalmente.”

E assim terminou a sessão. Penso que desta sessão vocês verão que eu estava mais em contato com o seu estado emocional e comunicando-me melhor. Eu raramente sinto tal tristeza por alguém. Passei a compreender que ela estava mentalmente fundida comigo e que não poderia, por si só, separar-se. Isso levou-a à confusão mas foi também extremamente difícil para mim entrar em contato com o que eu pensava e sentia, e foi precisamente isso que ela estava mais ansiosa por descobrir. Não podia descobrir qual pedaço do pântano era eu e qual era ela. No entanto, vocês verão a partir disso, que eu não tinha ainda, nessa fase de minha carreira, o entendimento de qual objeto interno era uma carga tão opressiva para ela. Quando ela disse que eu tinha

que suportá-lo somente por cinqüenta minutos, a aterradora introjeção torna-se óbvia para mim agora, mas eu não sabia nada sobre isso naquele tempo. Havia sido treinado e analisado dentro de um modelo interacional. Nada sabia sobre objetos internos.

\* \* \* \* \*

Como suponho que também seria possível intitular esse trabalho de O Aprendizado de um Analista [The Apprenticeship of an Analyst], escorregarei em outro incidente que estava associado a essa paciente. Durante os primeiros três anos de tratamento eu a estava atendendo em um pequeno centro psicoterápico no centro de Londres. Éramos uma equipe de quatro analistas não médicos. Uma vez a cada quinze dias um de nossos colegas médicos, também ele um analista, costumava vir e participar de nossa reunião clínica quinzenal. Apresentei essa paciente umas poucas vezes neste foro. Quando ele ouvia minhas apresentações da mesma, muitas vezes dizia:

“Você precisa falar francamente com ela sobre a sua auto-destruição. Quando as pessoas estão sendo auto-destrutivas é necessário falar com elas com toda franqueza sobre isso.”

Penso que estas não foram as suas palavras reais, mas este foi o seu significado. Ele as disse várias vezes e era inteiramente apropriado pois ele tinha capitado a minha timidez. Eu era o diretor de uma clínica e tinha contratado seus serviços. Organizávamos cobertura médica para nossos pacientes nas apresentações quinzenais e suas visitas eram importantes. Então ele começou a ficar delinqüente: faltar a sessões, chegar atrasado, telefonar no último minuto dizendo que não poderia ir e, em duas ocasiões, chegou de maneira desgrenhada. Eu tinha também ouvido através de informações informais (bush telegraph), as quais, como sempre, estavam ativas no universo psicoterápico, de que ele estava se comportando provocativamente na clínica principal onde trabalhava e assim por diante.

Um dia, quando ele disse novamente:

“Você precisa falar francamente com ela a respeito de sua auto-destruição...”

eu, de repente, compreendi (realized) que ele estava falando de si próprio. Eu tinha a oportunidade ideal, como diretor da clínica que eu era, de fazer o que ele estava tão claramente pedindo, uma vez que ele estava rompendo acordos contratuais que assumira conosco. Entretanto não o fiz, mas me arrependi amargamente, quando meses mais tarde, ele se suicidou. Aprendi duas coisas com esse triste acontecimento:

1) Estar afinado, sintonizado com comunicações inconscientes não apenas em relação a pacientes, mas em um espectro social mais amplo.

2\_ Nesse dilema: Falar ou não falar B que a primeira alternativa é geralmente preferível à segunda, não obstante quão dura ela possa ser. Mal preciso adicionar que tenho freqüentemente rejeitado este conselho auto-administrado.

\* \* \* \* \*

Durante um ano ela castigou-me severamente por não tratar das coisas que precisavam urgentemente de atenção. Como se eu soubesse que coisas eram essas! Ela falava por frases elípticas e acreditava, através delas, que eu soubesse todo o conteúdo de sua mente. Bion me disse:

“Você tem de dizer a ela: se ela espera que você funcione como analista, ela precisa mantê-lo informado sobre o que está acontecendo com ela.”

No entanto, ela odiava colocar as coisas em palavras:

“Oh, a divindade das palavras...”

ela uma vez disse com altivo desdém. Era torturante para ela revelar-me as intimidades de seus estados interiores. Sentia que isto era repugnante. Repreendeu-me por não ser empático com os problemas femininos; disse-me que ela deveria estar com uma analista e que eu tinha preconceitos em relação a ela. Estas queixas não foram feitas em um padrão coerente de sentenças mas aos pedaços, em salvas curtas e afiadas. Eu tinha dois pensamentos sobre esta queixa:

1\_ Que ela estava sendo sádica comigo - o macho odiado.

2\_ Que a sua queixa era correta: eu não estava em contato com ela.

Uma percepção a posteriori sugeriu que ambas eram verdadeiras. Ela me atacava tão insistentemente que eu duvidava de mim mesmo. À medida que eu duvidava e vacilava o poder do seu sadismo aumentava. Finalmente pedi a uma colega feminina para vê-la para uma segunda opinião. Minha colega relatou-me que em duas entrevistas que tinha tido com minha paciente ela falou de maneira tão florida e com a maior coerência possível. Apesar disso não me surpreender agora, foi um choque na época. Foi somente ali que compreendi (realized) que eu estava experimentando uma transferência psicótica. Minha colega ficou ela própria em dúvida, mas considerando todos os aspectos foi a favor de que eu continuasse o tratamento. Ao mesmo tempo eu tive esse pensamento surpreendente:

“Nunca digo a mim mesmo: >Talvez minha esposa desse melhor com alguma outra pessoa.”

Repreendi-me por ter um caminhão com lembretes ineficientes. Como resultado disso decidi prosseguir com a análise e não tive mais dúvidas pessoais a respeito dessa questão. Apreendi naquela época uma lição muito importante, mas contarei primeiro como cheguei a ela. Ela costumava dizer bastante freqüentemente:

“Não posso mover-me até que você se mova primeiro.”

Eu me perguntava:

-“O quê isso significa?”

Ela também costumava dizer que eu precisava tentar abordagens diferentes. Eu pensava que ela queria dizer que eu precisava tentar alguma outra forma de psicoterapia ou que ela estava solicitando uma interpretação. De uma certa maneira ela de fato queria dizer isso, mas não era ao nível de palavras. Bob Capler, em um trabalho recente\*\*[6] faz o seguinte comentário sobre uma paciente que ele estava tratando:

“Ela está ciente (apesar de nem sempre conscientemente) de que minha habilidade para analisá-la depende de estar em contato com alguma coisa dentro de mim mesmo, e que este contato a exclui.”

Então a um certo ponto ela começou a se posicionar atrás de minha cadeira no consultório e eu achei desconcertante interpretar com ela de pé atrás de mim. Um dia, quando eu estava caminhando para casa após uma sessão, uma determinação surgiu em mim de não tolerar isso por mais tempo. Na próxima sessão quando ela fez o mesmo eu me mudei para outra cadeira do outro lado da sala, e ela virou-se para mim em fúria, mas mais tarde se acalmou, e algum trabalho proveitoso aconteceu. Houveram muitas outras resoluções internas no curso dessa análise. Até agora apresentei duas:

1) Quando decidi não continuar funcionando como sua consciência.

2) Quando resolvi que ia continuar conduzindo sua análise eu mesmo.

E agora aqui está a terceira:

3) Eu não mais toleraria tentar interpretar com ela de pé atrás da minha cadeira.

Então um dia, num súbito lampejo, compreendi que ela queria dizer que não poderia se mover adiante emocionalmente até que eu mesmo tivesse feito uma tal mudança interior, ou seguindo a formulação de Capier, até que eu tivesse feito contato comigo mesmo. Esta compreensão fez com que estas afirmações dela fizessem sentido:

“Atenda você mesmo.”

E:

“Você precisa de mais análise.”

Mas mais crucialmente:

“Eu não posso mover-me até que você se mova primeiro.”

Agora compreendo que quando fiz um destes movimentos interiores ela por sua vez foi capaz de mover adiante emocionalmente. Formulei este entendimento alguns anos mais tarde em um trabalho intitulado: *The Analyst's Act of Freedom as Agent of Therapeutic Change* [O Ato de Liberdade do Analista como Agente de Mudança Terapêutica].\*\*[7]

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para enfatizar o que eu queria significar e ainda significa um ato interior de liberdade. Este ato interior claramente tem manifestações externas mas é o ato interior emocional que é terapêutico. Tenho sido interpretado como querendo significar algum ato exterior de intervenção e o que eu tenho dito tem sido mal usado (misused) neste sentido. Por muitos anos acreditei que o ato interior por si só era suficiente, que não era necessário interpretar seu conteúdo, mas concordo agora com Rosenfeld\*\*[8] que escreve que isso não é suficiente e que a matéria precisa ser interpretada para o paciente.

Escolhi esta paciente para relatar porque a atendi no início de minha carreira psicanalítica e, felizmente, antes que qualquer dogma tivesse se fixado firmemente e porque eu inferia insights do tratamento dela, os quais têm estruturado meu pensamento desde então. Muitos outros pacientes expandiram este entendimento mas esta paciente fez algo mais radical. Ensinou-me que o trabalho analítico reside em resoluções internas na mente do analista e também aprendi com ela que os pacientes psicóticos são capazes de intuir a existência desses estados interiores; que há conhecimento e comunicação inconscientes operando o tempo todo na análise. Isso é a análise. Eu certamente não o sabia até que finalmente isto penetrou em meu cérebro por volta do terceiro ano da análise dessa paciente. Eu era um analista no nome quando fui eleito para Membro Associado mas, na realidade, foi somente quatro anos mais tarde que me tornei um, após um duro aprendizado com essa paciente.

\* \* \* \* \*

O problema central desta paciente era o seu terror do sadismo violento em relação a homens. Isso se referia ao homem dentro dela e também aos homens fora dela. Em particular, caso viesse a dar a luz a um menino no futuro, ela temia que pudesse torturá-lo da maneira muito cruel. Passei a compreender o que eu era para ela: aquele menino a quem ela atacava cruelmente, e a quem também desafiava a atingir a idade adulta - tanto analítica quanto emocional. Em um estágio posterior na análise, após uma mudança ocorrida nela de ódio para amor, quando a culpa reinava suprema e ela estava se repreendendo pela maneira como me tratava, e pelo seu medo

de sua própria crueldade em relação a bebês do sexo masculino, eu disse a ela:

“Você tem maternalmente cuidado desse bebê extremamente bem.”

e eu queria dizer isto mesmo. Ela olhou para mim em dúvida mas penso que teve um entendimento emocional do meu comentário.

Fui capaz de lidar mais facilmente com seus ataques quando compreendi que eu era este “homem-criança”, e que quando ela dizia que não podia se mover até que eu me movesse primeiro, ela estava também dizendo que não poderia abandonar o comportamento sádico até que eu tivesse passado por minhas próprias resoluções interiores. Ela monitorou meu progresso analítico e a cada nova resolução, era capaz de seguir adiante. O que é sadismo para alguns que estão fragmentados por dentro, é o remédio da cura para aqueles nos quais a integração sintética está ocorrendo. Kierkegaard é o único pensador com quem deparei que vê esta espada de dois gumes no fenômeno da punição. A punição que ela me infligia tinha um efeito curativo. Isso é o que eu queria dizer quando disse que ela tinha cuidado muito bem deste bebê.

Compreendo agora que ela pensava que eu estava deliberadamente me contendo e era portanto o foco de uma intensa paranóia. No entanto, isso não é inteiramente correto porque ela também sabia que eu não o fazia porque não podia, portanto, o paranóico e o deprimido viajavam ombro a ombro, lado a lado. Quando ela compreendeu, através de algumas das interpretações que fiz, que tinha de esperar por mim, que eu não podia efetuar essas mudanças de acordo com a minha vontade, ela ficou triste. Aqui estava ela com um homem comum, não com um ser divino. Mesmo no auge de sua paranóia, ela tinha alguma intuição escondida de que eu estava lutando. Uma vez, no meio de uma outra orgia de punição, ela repreendeu-me por ter me distraído na sessão do dia anterior e então disse:

“Suas interpretações deixaram muito a desejar. Usualmente elas são bastante precisas.”

Sorri para mim mesmo. Mesmo no meio da mais amarga batalha, a humana generosidade irrompe. Lembrei-me de um incidente na Guerra da Península na Retirada para Corunna. Enquanto as armas francesas eram descarregadas contra as tropas britânicas que fugiam para seus navios, um bravo soldado inglês se levantou e fez de si mesmo um alvo fácil, afim de atrair as balas para si próprio, para que um maior número de seus compatriotas conseguissem alcançar os barcos em segurança. Os franceses baixaram suas armas e deixaram seu alvo fácil ileso. Minha paciente também baixou suas armas, não porque detectasse bravura, mas porque sabia intuitivamente que seu adversário-e-auxiliar (adversário combinado com a pessoa que a estava ajudando) não poderia administrar a situação a não ser que ela também o fizesse. Já mencionei a outra vez em que ela baixou suas armas mas farei-o novamente. Estivera me repreendendo um dia por ser exatamente como um dos macacos de arame de Harlow\*\*[9]. Então, no dia seguinte, no meio da sessão, ela disse numa voz sonhadora:

“Surpreendente como aqueles macacos se dão tão bem naquelas mães de arame.”

Creio que ela sabia que eu era um neófito e que sem uma ocasional palavra de encorajamento eu não poderia me manter a rota.

Ela estava ansiosa, não apenas a respeito da crueldade em relação a um possível futuro bebê, mas também ao homem dentro dela. Penso que o

esquema teórico de Jung de animus e anima é compreensivelmente (insightfully) correto: de que uma mulher não pode ser uma mulher a não ser que ame animus dentro dela e, um homem não pode ser um homem a não ser que ame anima dentro dele, e nenhum casamento pode ocorrer entre um homem e uma mulher a não ser que esse casamento interior seja primeiro cimentado em solene consumação. Quando me revoltei e decidi que não mais seria a consciência para ela, ela experimentou o ódio interior, do qual não tivera consciência antes. Esse foi o começo de um processo que começou em ódio inconsciente, mudou para ódio consciente e terminou em amor. A mudança de ódio inconsciente para ódio consciente foi um passo à frente pois ela estava agora comprometida com o outro e não mais insulada em uma crisálida aprisionadora.

Ela queixava-se amargamente de eu não a ter ajudado a se comunicar com as pessoas fora do consultório. Mais uma vez, no entanto, baixou suas armas por um momento e fez com que eu soubesse que a tinha ajudado a se comunicar melhor consigo mesma. Penso que quando ela disse que eu não a ajudara a se comunicar com o exterior estava dizendo que eu não ajudara no desenvolvimento do homem dentro dela, mas ela realmente dera um passo naquela direção. Já mencionei este incidente em outro trabalho\*\*[10] mas o mencionarei aqui novamente:

Ela disse:

“Você não me ajudou nem um pouco a me comunicar fora dessa sala sagrada. Ah, sim, você me ajudou a me comunicar com você, mas com ninguém mais além do seu maravilhoso você.”

No dia seguinte, ela entrou e andou arrogantemente pela sala (enquanto isso, eu olhava nervosamente para um vaso de flores que ela acariciava com a mão direita) e, então, ela olhou penetrantemente para mim e disse:

“Agora encontrei alguém que realmente compreende (sympathetic) as mulheres. Falei com ele ontem e ele entendeu o difícil predicamento das mulheres, ele entendeu como uma mulher se sente.=

Como no dia anterior, minha anatomia interior era uma correnteza crescente de fúria às suas insinuações. Estava prestes a apontar seus ataques destrutivos em relação a mim e seu intento em denegrir o trabalho que tinha sido feito, mas me contive. Não foi fácil me conter, havia um cabo de guerra dentro de mim: um lado estava dizendo: AAponte o ato de denegrir” enquanto o outro lado estava dizendo Acontenha-se”. O lado Acontenha-se” venceu, e, então, a calma começou a tomar conta de mim, e, daquele estado, veio um claro pensamento que eu verbalizei da seguinte forma:

-“Você está me informando que as coisas melhoraram desde ontem; que agora você é capaz de se comunicar com os outros fora do consultório.”

Novamente a espada de dois gumes: uma mensagem clara mas revestida de um tom provocativo que inicialmente me impediu de ouvir. Havia um cuidado maternal dentro de uma moldura de loba, prostituta (bitchy) .

A crueldade em relação a ela mesma estava também diminuindo em sua vida profissional. Quando começou a análise trabalhava com estatística: quando terminou a análise tornara-se uma pintora. Estava fazendo, através da análise, uma importante transição emocional. Uma figura interveio cruelmente para impedir homem e mulher de se unirem. Houve dois impulsos opostos: um me afastando para longe e outro clamando para que eu me aproximasse. O clamor para que eu me aproximasse era claramente audível, se eu fosse capaz de

excluir sua roupagem provocativa; como alguém que é uma boa mãe mas externamente parece uma prostituta. Uma vez conheci uma pessoa que era muito discreta e capaz de guardar segredos, mas exteriormente era extravagante e dava a impressão de ser um risco para o Serviço Secreto Britânico, para o qual trabalhava B mais precisamente como uma versão feminina do Pimpinela Escarlate (Scarlet Pimpernel).\*\*[11]

Quando ela me procurou tinha tido um episódio psicótico com alucinações e na análise ela sucumbiu e retornou aos elementos primordiais dos quais a fundação de nossa vida mental é moldada. Os sinais aos quais me referi como unidades telegráficas eram compostos de imagens visuais. Cada um dessas unidades encapsulava uma intensa mas discreta experiência emocional. Naqueles três meses enquanto ela falava sobre as imagens que apareciam nas paredes do meu consultório, eu mergulhava em um estranho e amedrontador mundo B um mundo sem significado que muito me perturbava. Ela projetava essas imagens na parede do consultório que ficava a nossa frente. Pelo menos aqui havia algo de sólido e concreto B nenhum símbolo lá, mas quando o expliquei a Bion, ele me disse:

“Essa é a parede entre os dois de vocês.\*\*[12]“

Este seu comentário atordoou minha mente. Compreendi profundamente dentro de mim o que Bion queria dizer. A parede fora construída a partir de sua provocação e do meu narcisismo. Estes dois elementos construíram uma parede muito sólida.

Logo após eu ter feito aquela intervenção, quando recusei continuar a funcionar como uma consciência para ela, ela relatou seu primeiro sonho:

Ela entrou num quarto onde jazia o corpo de sua mãe. Era feito de poliestireno. Ela o tocou e ele explodiu em uma massa de partículas.

Quando ela me contou este sonho experimentei um alívio enorme. O peso do mundo pareceu escorregar dos meus ombros. Compreendi instantaneamente que a massa de partículas eram as imagens alucinadas daqueles poucos primeiros meses. Eu tinha saído de um bizarro mundo Kafkaiano para um lugar de frescura e luz. Penso que aquele sonho representou um momento de síntese. Foi uma experiência diferente de qualquer outra que tivera na minha prática clínica. Logo depois disto, veio a sessão que engloba esse problema inicial com o qual ela estava violentamente lutando. Ela o tinha vivido; agora começava a ser possível entendê-lo e transformá-lo em palavras.

No início houve um longo silêncio mas notei que ela parecia mais feliz que anteriormente. Havia até um sorriso em seu rosto. Após um quarto de hora ela disse:

“Os únicos pensamentos que existem são superficiais e estão em um circuito diferente.”

-“Então eles pertencem a outra pessoa”.

“Diferentemente da última sessão quando eles absolutamente não me pertenciam.”

SILÊNCIO.

-“Então há alguma diferença desta vez?”

“Eles estão por aqui na coroa de minha cabeça. Como nata no leite apesar de não serem como nata.”

-“Então quando eu falo faço apenas contato superficial com você.”

“Há outros contatos que...”

-“Você poderia elaborar esta idéia?”

“Bem, contato físico, contato com toque, contato com os olhos.”

-“Penso que minhas palavras não têm sentido porque não são uma expressão de sentimentos sentidos (feelings held). Quando você olha para mim há pânico ou medo nos seus olhos. Eu não a sustenho (hold). Eu a deixo cair.”

“Sentir-me não contida sim, mas não acho que eu sinta isso aqui. Sinto que sou capaz de causar isso.

Eu disse com obstinada insistência:

-“Eu me pergunto (I wonder) se você não sente isso aqui. Quando você vem para as suas sessões não traz nada de fora. Não tenho conhecimento algum de nenhum fato biográfico atual. Quando você sai eu apenas a deixo cair.”

LONGO SILÊNCIO.

“É aterrorizante se você existe.”

Então ela disse:

“Meus pensamentos estão em outro lugar - que sentimentalidade exagerada\*\*[13] tem os seres humanos”

Então ela disse:

“Estou pensando em uma história de Doris Lessing.”\*\*[14]

Perguntei:

-“Você poderia me contá-la, por favor?”

Ela disse:

“É sobre o problema do sentido (meaning)\*\*[15]. Um homem negro deixa sua cultura e vai para a terra dos brancos. É tudo misterioso e ele não tem as ferramentas e implementos.”

Aqui eu estava insistentemente forçando uma linha de Winnicott sobre ser contido (held), quando a situação nada tinha a ver com isso. Ela expressou perfeitamente qual o era o problema naquela última sentença. Ela estava no mundo das imagens sensoriais e não tinha as ferramentas com as quais pudesse expressá-lo. Estava se movendo para dentro do território da linguagem: em que os símbolos expressam poderosas emoções interiores. Finalmente ela conseguiu fazer com que isso penetrasse em minha cabeça e penso que uma alvorada de entendimento (dawning understanding) começou a nascer dentro de mim. Entretanto, falhei completamente em interpretar a sua própria ação projetiva e destrutiva à qual ela se refere nestas palavras:

“Sinto que sou capaz de causar isso.”

No entanto, apesar de não ter feito isso, eu de fato vim a compreender o significado dessas minhas resoluções interiores, as quais me capacitaram a separar meu self destas projeções destrutivas. Tecnicamente é claramente melhor se tanto as projeções possam ser interpretadas quanto o próprio self emocional da pessoa possa ser solidificado. Mas dos dois processos paralelos o último é, em minha opinião, o mais importante.

Desde então tive (e venho tendo) outros pacientes que odeiam palavras que se lhes parecem tão fora de harmonia com as emoções interiores. Lembro-me de uma vez quando estava trabalhando em uma enfermaria psiquiátrica, uma paciente entrou em um estado de pânico e enfiou seu braço pelo vidro da janela, cortando-se seriamente. Um médico foi chamado para suturar o ferimento. Ela estava respirando pesadamente sob o poder de uma profunda emoção interior. O médico lhe disse despreocupadamente: “Você assistiu o jogo de Wimbledon na televisão esta tarde?”

Houve uma outra coisa muito importante que essa paciente me ensinou: simplicidade de expressão. Quaisquer interpretações nos moldes de: APenso

que você está tentando me dizer...” etc. eram frases mortas. Aprendi que tinha de dizer o óbvio em uma linguagem simples. Tinha de interpretar a linguagem visual. Assim, por exemplo, próximo ao final da análise, ela entrou com uma aparência bastante diferente. Estava bem vestida e tinha tomado posse de sua beleza. No entanto dizia quão terrivelmente mal se sentira e quão ruins as coisas foram. Naquela altura, tinha então aprendido a confiar nas observações simples, portanto disse a ela:

“Você está com uma aparência extremamente boa, portanto, em seus sentimentos você está apartada (cut off) da maneira como você foi.”

Vocês compreenderão (will realized) que eu a levei a sério e tomei o visual B o sensorial B como expressão do seu verdadeiro eu. Eu tinha começado a compreender que não devia ser enganado pelas palavras.

Foi somente próximo do final da análise que sua extrema negatividade veio à tona. No passado ela tinha me acusado tão persistentemente de negatividade que somente agora eu era capaz de vê-la (a negatividade) dentro dela.

Seu ódio e desprezo por mim foram constantes durante cinco anos. Sentira-me sob considerável tensão durante suas sessões. Entendia extremamente pouco sobre o que estava acontecendo. Sentia-me constantemente ansioso e preocupado. Suas sessões consumiam-me mais energia emocional que a de todos os outros pacientes meus. Então finalmente a oportunidade surgiu. Ela experienciou uma ansiedade cataclísmica e os dois lados: o masculino e o feminino, o esquerdo e o direito, o adulto e a criança, o intelectual e o sensorial, o provocativo e o carinhoso colidiram. Ela teve de ser hospitalizada por alguns dias. Estava agora explodindo de amor por mim, sentia extrema culpa e preocupação de que pudesse ter me feito algum mal. No meio de um desses intensos momentos de recriminação a respeito de sua crueldade em relação a mim, decidi contraditar isso com todo o peso destas palavras:

“-Em minha vida conheci umas poucas (handful) pessoas, certamente não mais do que seis, e conhecê-las trouxe-me grande enriquecimento pessoal e por essas pessoas tenho um respeito permanente. Incluo você como uma das seis.”

Ela chorou e disse que estava triste por ter de haver uma separação.

Hoje sei algo sobre o mundo interior e pensava que sabia como interpretar a negatividade e mostrar algo sobre sua origem, mas naquela época eu não estava familiarizado com isso. Em minhas análises e em minha formação não tinha aprendido a respeito de atividades emocionais internas. Acreditava na época que tinha de contraditar-me a esta negatividade e trouxe à tona a afirmação pessoal que mencionei a vocês. Acredito que naquela época eu era um psicoterapeuta e não um analista. Aquela afirmação que fiz poderia ser bastante aceitável em um modelo interacional de psicoterapia mas não era análise. Dadas as ferramentas que eu tinha à mão naquela época, eu tinha de deixar suas declarações negativas passarem ou contrapor-me a elas da maneira como fiz. Penso que a última alternativa foi melhor que a primeira.

Ela queria parar. Eu a tinha atendido por quase seis anos. Não sei se estava certo em concordar com aquele término mas suspeito que sim. Penso que ela tinha atingido dentro de mim todos os recursos e conhecimento que estavam disponíveis na época. Na última sessão ela me trouxe um desenho que tinha feito de uma mulher em posição de repouso. Naquela sessão ela disse que podia ser uma mulher agora, que era capaz de reconhecer o homem dentro de si.

Houve um outro incidente que relatei em *The Analytic Experience* (A Experiência Analítica)\*\*[16]:

Ela vinha me punindo sessão após sessão, semana após semana, mês após mês e eu tinha estado ocupado me defendendo do ataque e apontando a sua destrutividade. Ela foi então para uma cidade no campo e falou com a primeira orientadora que tinha consultado e confiou-lhe sua preocupação sobre o modo pelo qual a análise estava se desenvolvendo. Ela me contou o quê essa mulher lhe disse: >Ele não pode ouvir um bebê que chora.= Quando ela disse isso, tocou numa corda que soou direto dentro de mim. Subitamente ouvi a seqüência da sessão após sessão, semana após semana, mês após mês sob uma luz diferente. Ouvi um desesperado bebê chorando. Eu estava fulminado. Disse a ela: “O que ela lhe disse é inteiramente correto”, e ela rompeu em choro.

Ela me procurou porque estava desesperada. Eu a atendi no Serviço Nacional de Saúde da Inglaterra. Muito poucas vagas para análise eram disponíveis em hospitais e clínicas da Inglaterra. Ela não tinha dinheiro e recebia pensão do governo para desempregados. Tinha me oferecido para atendê-la; ela me aceitou porque não tinha outra alternativa. Tinha sido rejeitada por duas clínicas. Eu era o último recurso. Ela também sabia que eu não era suficientemente maduro tanto profissional quanto emocionalmente para conseguir tratá-la. Compreendia (she realized) que sua única opção era forçar-me com todas as suas energias de seu ser, para transformar-me no analista que ela precisava. Antes de atendê-la eu não tinha idéia do que era uma análise. Quando terminei seu tratamento comecei a ter os primeiros vislumbres. Isso também acionou desenvolvimentos emocionais que foram favoráveis em outras áreas de minha vida, além da profissional.

Em uma ocasião estava com um grupo de pessoas que discutiam a melhor maneira de conduzir meninos adolescentes através de uma fase homossexual para a maturidade heterossexual. Havia uma jovem senhora francesa no grupo. Após uma considerável intelectual e requintada discussão, esta senhora disse estridentemente:

“Fui certa vez a governanta de um jovem chamado Pierre. Quando atingiu a idade de 14 anos expliquei-lhe tudo sobre sexo e fazer amor...”

Então ela olhou ao redor para todos nós, estufou o peito com orgulho e disse: “Mas quando ele fez 16 anos B em seu aniversário B eu fiz dele um homem.”

Eu havia passado por uma análise, tido meus casos supervisionados e freqüentado muitos seminários clínicos. Tinha sido orientado sobre como conduzir uma análise, mas aquela paciente fez de mim um analista.

Comentário

O paciente psicótico está em contato com as emoções íntimas do analista. Eu não tinha compreendido isso antes de tratar essa paciente. Aprendi isso através do meu relacionamento com ela. Sei agora que é absolutamente crucial compreender isso quando está ocorrendo o contato com a parte psicótica da personalidade. Entretanto, penso que a lição, humanamente possível, mais valiosa que essa experiência me ensinou, foi estar em contato com a comunicação do paciente em sua direta nudez, e não ser seduzido para longe dela por teorias baseadas em repressão, resistência ou defesas. Compreendi que interpretações baseadas em tais suposições teóricas reforçam a avaliação negativa que já estão tão fortemente estabelecida interiormente.

Daquela época em diante minha atenção esteve sempre voltada para a área psicótica da personalidade, mas em particular para a parte saudável que estava lutando para restaurar o ego - como Bion salientou.

-----

[1]\*\* Traduzido do original inglês pela Prof<sup>0</sup> Margarida Troncon Busatto, revisão técnica do Prof<sup>1</sup> Amauri Faria de Oliveira Filho e de Dr. J. A. Junqueira Mattos e lido e aprovado pelo autor Dr. Neville Symington.

[2]\*\* A frase original de Dr. Symington é: Alf she turned me down she knew that no other treatment would be available for her. @ Penso que essa frase não faz sentido, desde que: tendo ela sido já rejeitada por dois eminentes psicanalistas, o seu (dela) temor é de que Dr. Symington a rejeitasse também, e não de que ela o rejeitasse!

Nota de J. A. Junqueira Mattos.

[3]\*\* Oliver Twist é a principal personagem da obra de Charles Dickens, de mesmo nome.

Nota de J. A. Junqueira Mattos.

[4]\*\* O nascente mundo de escuras e profundas águas  
Nascidas do infinito vazio e informe.

Tradução de J. A. Junqueira Mattos.

[5]\*\* A paciente de Dr. Symington faz aqui referência a uma personagem de Alice no País das Maravilhas@ de Lewis Carroll: o Gato de Cheshire. Penso que é uma referência ao seguinte trecho: Al didn't know that Cheshire cats always grinned; in fact, I didn't know that cats COULD grin. @ Cuja tradução para o português é a seguinte: A Eu não sabia que gatos de Cheshire sempre sorriam; de fato, eu não sabia que gatos podiam sorrir. @ A To grin@, antes de um sorriso, é um esgar de dentes, uma grimaça. @ Grin e grimaça têm a mesma etimologia, a qual remonta ao Francês antigo - século XIV.

Nota de J. A. Junqueira Mattos.

[6]\*\* CAPER, Robert. (1996) On Having a Mind of One's Own. Boletim da Sociedade Britânica de Psicanálise. Vol 32, No. 6, p.22

[7]\*\* SYMINGTON, N. (1983). The Analyst's Act of Freedom as Agent of Therapeutic Change. Na Revista Internacional de Psicanálise v.10 pp.283-291.

[8]\*\* ROSENFELD, H. (1952) Notes on the Psycho-Analysis of the Superego Conflict in an Acute Schizophrenic Patient. In Psychotic States p. 76. London: Hogarth Press.

[9]\*\* A fim de estudar o desenvolvimento de respostas afetivas de macacos neonatais e infantis, durante mais de 15 anos, H.F.Harlow, do Centro de Pesquisas com Primatas de Madison, Wisconsin, separou macacos de suas mães após o nascimento. Em seus experimentos, cada bebê teve acesso a duas mães artificiais, uma delas sendo uma armação de arame com rosto de madeira com uma mamadeira à altura do peito, e a outra, mais ou menos semelhante, porém revestida de um tecido felpudo e com a mamadeira na mesma posição. Os bebês ficavam com ambas as mães, mas a medida que cresciam, mostravam uma forte ligação com a mãe de pano. Quando deparavam com um intruso, por exemplo, um urso mecânico de pelúcia, fugiam para junto da mãe de pano, agarravam-se à ela e, então, confortados e sem medo, examinavam o urso. Do mesmo modo, quando colocados numa sala estranha, procuravam imediatamente a mãe de pano e se agarravam a ela em busca de consolo, antes de iniciarem a exploração. Os bebês de macaco criados sem as suas verdadeiras mães, ou as substitutas de pano felpudo,

mostraram-se incapazes de relações sociais normais. Um macaquinho criado em solidão apresentava um quadro muito grave, evitava todo contato social, parecia sempre muito amedrontado, tinha uma postura de encolhimento: abraçar-se a si mesmo, semelhantemente a um bebê autista. Harlow ficou impressionado com a possibilidade de, além da fonte de alimento obtida pelo leite na mamadeira, a busca pelo conforto psíquico pudesse ser uma variável importante no desenvolvimento do afeto dos bebês macacos com as suas mães. De acordo com ele: "a estimulação tátil (pela mãe) é tão importante quanto o alimento no desenvolvimento dos comportamentos". (Dados obtidos via pesquisa na Internet.)

Penso que poderíamos afirmar que às mães de pano guardam analogias com os objetos transicionais de Winnicott.

Nota de J. A. Junqueira Mattos.

[10]\*\* SYMINGTON, Neville. (1990). The Possibility of Human Freedom and its Transmission [A Possibilidade de Liberdade Humana e sua Transmissão] (com especial referência ao pensamento de Bion). I.J.P-0 p.101.

[11]\*\* Personagem criado pela Baronesa Emmuska Orczy, AEmma Orczy@(1865-1947) . Fez parte de inúmeros filmes, musicais na Broadway, e peças de teatro.

Nota de J. A. Junqueira Mattos.

[12]\*\* A frase original em Inglês é: AThat=s the wall between the two of you@, ou seja, Atwo of you@, significa que existem dois Aeus@ que se aproximam; mas que, ao mesmo tempo, conservam sua individualidade; e que, ainda ao mesmo tempo, constroem a parede entre os dois.

Nota de J.A. Junqueira Mattos.

[13]\*\* A expressão original Inglesa é: Agooney mess@, que pode significar tanto Abagunça pegajosa@ quanto Asentimentalidade exagerada@.

Nota de J.A. Junqueira Mattos.

[14]\*\* LESSING (Doris), escritora inglesa de origem iraniana (Kermanschah, 1919). Seu teatro e seus contos analisam os conflitos humanos e raciais e a condição da mulher. Obras: Os filhos da violência, O terrorista, O carnê de ouro etc. 81999 Enciclopédia Koogan-Houaiss Digital

Nota de J. A. Junqueira Mattos.

[15]\*\* Meltzer faz uma importante diferenciação entre Ameaning@ e Ato signify@ ou Asignificance@, sobre a qual penso valer a pena ponderar. Diz ele na Introdução dos AStudies in Extended Metapsychology@: Se formos fiéis em nossa linguagem a essa diferenciação teríamos de reservar a palavra >sentido= (meaning) para a representação de estados emocionais pelos símbolos criados pela função alfa quando usada em construção de pensamentos-sonhos. Às palavras usadas para dar nomes aos fatos do mundo externo, aos sinais convencionais de comunicação, deveriam ser usadas, da mesma forma: >significar= ou ter >significado=. As construções gramaticais obedecem as leis da lógica e tem sua base nas palavras externas de casualidade, um mundo finito onde quantidade é discernível, ou pelo menos onde quantificação é útil. Pode parecer um desperdício (uma pena) associar uma palavra tão amável (encantadora, graciosa) como >significado= a essa função menos poética, mas o fato de conter a palavra >signo= na sua raiz, requer que o façamos (p. 10). Mais à frente à página 26 ele retoma e expande o assunto. Studies in Extended Metapsychology - Clinical Applications of Bion=s Ideas 1986, Clunie Press for The Roland Harris Trut Library No.13.

Nota de J. A. Junqueira de Mattos.

[16]\*\* Symington, Neville (1986). *The Analytic Experience*. London: Free Association Press.